

O SOFRIMENTO COMO MARCA DA IGREJA NA EXEGESE DE MARTINHO LUTERO DE 1 PEDRO¹

SUFFERING AS A MARK OF THE CHURCH IN MARTIN LUTHER'S
EXEGESIS OF 1 PETER

Kenneth J. Woo²

Resumo: O artigo busca demonstrar de que a forma que Lutero enxergava o sofrimento dos cristãos era como parte essencial da igreja, afinal, as adversidades aproximam-na de Deus de tal forma a, como um meio da graça, tornar possível a retenção do evangelho. Enquanto estão como exilados no mundo, os seguidores de Jesus – verdadeiros peregrinos que anseiam pelo lar – devem carregar a cruz e serem aperfeiçoados na dor, pois é isso o que se espera daqueles que tem a obra do seu Senhor como norte. A isso, o autor atribui o nome de “eclesiologia cruciforme”.

Palavras-chave: Lutero. Sofrimento. Eclesiologia cruciforme. Cruz.

1 Clóvis Vítor Gedrat, tradutor. Tradução autorizada pelo autor do artigo e pela Revista *Concordia Theological Quarterly* (CTQ). WOO, Kenneth J. Suffering as a Mark of the Church in Martin Luther's Exegesis of 1 Peter, p.307-325. *Concordia Theological Quarterly*, v.77, jul-out, 2013.

2 Professor Auxiliar de História da Igreja no Seminário Teológico de Pittsburgh, Pensilvânia, Estados Unidos.

NOTA INTRODUTÓRIA: O SOFRIMENTO COMO SINAL DA IGREJA NA EXEGESE DE MARTINHO LUTERO SOBRE 1PEDRO

Ao longo de uma vida de conflitos com a igreja e o império, além de profundas perdas pessoais, não é surpreendente que o sofrimento seja um tema recorrente nos escritos de Martinho Lutero. Mesmo assim, é notável que Lutero, de fato, canoniza o sofrimento ao incluí-lo como um sinal da igreja em seu tratado de 1539 *Sobre os Concílios e a Igreja*, afirmando que os cristãos são conhecidos pela aflição. A igreja é “externamente reconhecida pela santa posse da sagrada cruz” porque seus membros “se apegam firmemente a Cristo e à palavra de Deus”, de forma que “onde quer que você veja ou ouça [sobre tal sofrimento], saiba que a santa igreja cristã lá está... Isso também é uma posse sagrada pela qual o Espírito Santo não apenas santifica seu povo, mas também os abençoa”. Escritas próximo do final da vida de Lutero, essas palavras articularam um pilar de sua teologia por décadas, a saber, a ideia de que o povo de Deus é um povo que sofre. De fato, para Lutero, a cruz é intrínseca à identidade cristã, a ponto de “quem não é um ‘Cristão da Cruz’ [*Crucianus*]... não é um cristão”.³

Um elemento da doutrina de Lutero sobre o sofrimento como sinal da igreja que geralmente tem sido negligenciado, no entanto, é sua abundante presença na sua exegese bíblica. Um exemplo disso encontramos em seus *Sermões sobre a Primeira Epístola de São Pedro* (1523), que revelam características importantes da eclesiologia de Lutero a partir de uma epístola que ele considerava “evangelho puro”.⁴ No entanto, em vez de tópicos eclesiológicos típicos como ordem e ofício da igreja, Lutero se concentra aqui em definir o sofrimento cristão e seu significado de uma maneira que antecipa sua identificação explícita do sofrimento como um sinal da igreja. Esses sermões, então, contêm suporte exegético para a doutrina da igreja sofredora que encontraria uma expressão mais concisa anos depois?

Ao considerar essa questão, a consciência dos eventos imediatamente anteriores à composição e apresentação, por parte de Lutero, dessas exposições sobre 1Pedro as situa dentro de um período de profunda turbulência pessoal para o reformador. Lutero havia retornado recentemente a uma

3 “Genesisvorlesung,” Edição de Weimar (WA) 43:617; e Edição Americana (AE) 5:274.

4 AE 30:4; A 12:260.

Wittenberg abalada por perturbações que eram atribuídas, em parte, à interpretações de sua própria teologia. Ele também se viu no meio de sua ruptura decisiva com seu antigo colega e co-reformador, Andreas Karlstad. Será que esses fatores poderiam ter influenciado a escolha de Lutero de 1Pedro – com seu tratamento proeminente do sofrimento – como um texto para pregação, ou pelo menos orientado sua seleção de temas a serem enfatizados desta epístola? Seria exagero ver na pregação de Lutero sobre o sofrimento como *sine qua non* do verdadeiro cristianismo uma tentativa de validar sua própria escolha ante as dúvidas surgidas nas suas dificuldades vigentes? Seja qual for a resposta para tais perguntas, elas nos lembram que as formulações teológicas, embora aspirando a reivindicar valor normativo para todos os tempos e lugares, também surgem de circunstâncias, preocupações e pressões particulares. Os sermões de Lutero não são exceção.

O presente estudo argumentará que uma análise dos sermões de Lutero sobre 1Pedro localiza, quase duas décadas antes de “Sobre os Concílios e a Igreja”, os contornos básicos de seu ensinamento sobre o sofrimento como um sinal visível da igreja, que encontramos articulado explicitamente nesta obra posterior. É importante ressaltar que a visão do sofrimento, a qual Lutero apresenta nos sermões de 1Pedro, não é a única dessas exposições nem algo que não tenha aparecido em escritos anteriores. Dito isso, 1Pedro oferece a Lutero um locus exegético particularmente adequado para articular sua posição, reunindo em um único livro canônico tanto manifestos temas soteriológicos quanto a ênfase no sofrimento. Para apresentar o ensino de Lutero sobre 1Pedro em 1522 com sensibilidade aos desenvolvimentos simultâneos e posteriores na vida do reformador, o presente estudo faz três observações.

Primeiramente, Lutero utiliza 1Pedro para estabelecer um arcabouço conceitual para a vida cristã em termos de três temas-chave: peregrinação, palavra e santificação por meio da aflição segundo o exemplo de Cristo. Isso lança as bases para sua insistência de que o sofrimento marca a verdadeira igreja, especialmente que o sofrimento injusto é um meio indispensável de santificar o povo de Deus. Em segundo lugar, precisa ser levado em consideração o profundo desconforto pessoal de Lutero na época desses sermões para enriquecer nossa compreensão de sua pregação em 1522, de maneiras que possam explicar suas ênfases particulares. Por fim, ao colocar o material de 1Pedro ao lado de escritos anteriores e posteriores,

fica evidente a importância do que poderia ser chamado de “eclesiologia cruciforme” para a exegese bíblica de Lutero, o que, por sua vez, sustenta o uso que faz desse tema em outros lugares. Apesar das variações de circunstância, percebe-se, ao longo do tempo, uma coerência e consistência básicas na insistência de Lutero de que o sofrimento é um sinal da igreja.

SANTIFICAÇÃO ATRAVÉS DA AFLIÇÃO NOS SERMÕES DE LUTERO DE 1PEDRO

Peregrinação e Palavra como requisitos para o sofrimento

Os sermões de Lutero sobre 1Pedro foram proferidos nas tardes de dias úteis para sua congregação em Wittenberg, de maio a dezembro de 1522, e revelam uma atenção especial a uma epístola querida ao reformador. Enquanto contém o ensinamento central do evangelho (tão crucial para Lutero) de Cristo como objeto da fé justificadora, 1Pedro também apresenta essa preocupação pela verdadeira fé em contraste com a realidade sóbria de que os cristãos vivem como “estrangeiros e peregrinos”, o “santo” povo de Deus separado em um mundo onde o sofrimento é uma certeza (1Pe 2.9,11; 4.12). Ao divulgar o evangelho em uma linguagem de exílio, dificuldade e santidade, 1Pedro convida Lutero a refletir sobre a identidade cristã como a dos peregrinos em uma terra estrangeira. O lar permanece como um destino. Esse motivo da peregrinação fornece o contexto situacional no qual a doutrina de Lutero sobre o sofrimento como um sinal da igreja surge de maneira lógica e ressoa de forma experiencial aos crentes como um meio de Deus validar a sua fé. Lutero também encontra aqui uma ênfase na palavra de Deus como o catalisador para uma variedade de sofrimento única no cristianismo. No que se segue, mostraremos como peregrinação e Palavra convergem para criar condições sob as quais Lutero via o sofrimento como algo inevitável e, ao mesmo tempo, uma bênção para os cristãos.

O motivo da peregrinação em 1Pedro permeia a interpretação de Lutero da carta, ensinando-lhe que o tempo da peregrinação é tanto transitório quanto intencional. Primeiramente, “A vida cristã é apenas uma pousada de uma noite”.⁵ A “esperança viva” na qual 1Pedro diz que os cristãos

⁵ AE 30:35; W A 12:291.

nascem através da ressurreição de Cristo (1.3-4) indica, para Lutero, tanto que “esta vida e a vida vindoura são mutuamente exclusivas”, quanto também o contínuo movimento de uma para a outra: “Aqui só há uma parada onde não podemos ficar. Devemos continuar em nossa jornada... Somos cidadãos do céu; na terra somos peregrinos e hóspedes”.⁶ Enquanto isso, a presença do sofrimento aguça a esperança do peregrino. Lutero contrasta a presente vida com a posse maior e duradoura que aguarda os peregrinos ao confrontar a fé hoje com o que será visto mais tarde.⁷ 1Pedro insta os crentes a “regozijarem-se, mesmo que agora por um pouco de tempo tenham que sofrer” (1.6). Para Lutero, esta é a promessa consoladora de um futuro no qual a paciência do peregrino será recompensada: “O seu lamento durará por pouco tempo. Então você se alegrará, pois a salvação já está preparada para você”.⁸

A segunda qualidade básica desta presente vida é sua intencionalidade, um ensinamento para o qual 1Pedro 1.7 é fundamental: “Vivam com reverente temor durante o tempo da sua peregrinação”.⁹ Para Lutero, tal reverência exige atenção às boas obras como expressão de sua fé: “[Deus] irá lhe perguntar: ‘Se você é um cristão, então me diga: Onde estão os frutos com os quais você pode demonstrar a sua fé?’ [...] Visto que você tem o tipo de Pai que não julga de acordo com a pessoa, conduza-se com temor durante todo o tempo da peregrinação”.¹⁰ A reverência demonstrada pelos filhos amados não é um medo servil, mas ainda assim permanece a adição deliberada de piedade à fé que, para Lutero, juntas constituem “a soma total da vida cristã”.¹¹

Assim, Lutero argumenta a partir de 1Pedro que a vida cristã é uma jornada transitória e intencional, que desperta esperança e reverência em peregrinos autoconscientes que vislumbraram o desígnio de Deus para sua presente existência. No entanto, enquanto a vida em um mundo que está passando explica um tipo de sofrimento comum a todos, o que mostramos acima sugere o modo como Lutero também acredita que a palavra de Deus

6 AE 30:11, 67; WA 12:267, 322.

7 AE 30:11; WA 12:266-67.

8 AE 30:16; WA 12:271-72.

9 AE 30:11; WA 12:266.

10 AE 30:35; WA 12:290.

11 AE 30:35; WA 12:290.

produz aflição única para os verdadeiros crentes. A peregrinação é um tempo de provação no qual o sofrimento pela Palavra confirma a fé de alguém.

Em um sermão de 1530 sobre o tema do sofrimento cristão, Lutero caracteriza a palavra de Deus tanto como a fonte de “consolação cristã mesmo no pior sofrimento e infortúnio” quanto a causa principal dessa mesma miséria: “Sofremos porque nos agarramos à Palavra de Deus, a pregamos, a ouvimos, a aprendemos e a praticamos”.¹² Esta visão paradoxal da palavra de Deus é um tema consistente nos escritos teológicos de Lutero, incluindo sua exegese de 1Pedro, na qual ele reflete sobre 1) a necessidade das Escrituras, 2) a ordem correta de seu ensino, e, 3) sua relação com o sofrimento na vida cristã. Lutero via a palavra de Deus como um catalisador para o sofrimento ao longo da peregrinação cristã.

O ponto central da teologia de Lutero é a necessidade e centralidade das Escrituras. 1Pedro afirma a mensagem e o poder das Escrituras. Acima de tudo, não existe igreja fora da pregação e da fé na palavra de Deus, porque é assim que as pessoas encontram Cristo: “São Pedro nos ensina a nos equiparmos e prepararmos com as Escrituras”, escreve Lutero, porque é através da pregação que “[nós] nos apegamos à proclamação do Evangelho... Deus não permite que Sua graça seja oferecida a ninguém de outra maneira senão através de Cristo... Através do Evangelho nos é dito quem é Cristo, para que possamos aprender a conhecê-lo como nosso Salvador”.¹³ A reciprocidade entre a Palavra e a igreja é tal que “a Palavra de Deus não pode existir sem o povo de Deus, e, inversamente, o povo de Deus não pode existir sem a Palavra de Deus”.¹⁴

A pregação também tem o poder de regenerar e nutrir os cristãos: “Como podemos nos edificar? Através do evangelho e da pregação. Os pregadores são os construtores. Os cristãos... são aqueles que são edificados”.¹⁵ Sobre a regeneração através da Palavra em 1Pedro 1.23, Lutero comenta: “Nós nascemos de novo por meio de uma semente... Como isso acontece? Da seguinte maneira: Deus deixa a Palavra, o Evangelho, ir adiante. Ele faz com que a semente caia nos corações dos homens. Onde ela enraíza no coração, o Espírito Santo está presente e cria um novo homem...

12 AE 51:200-201; WA 32:31-32.

13 AE 30:25, 29-30; WA 12:280, 284-85.

14 AE 41:149-50; WA 50:629.

15 AE 30:50, 52; WA 12: 304, 306.

Você é completamente transformado”.¹⁶ Lutero mais adiante enfatiza a necessidade das Escrituras quando faz da sua proclamação a única razão para um ofício eclesiástico separado: “Dar pasto não é nada mais do que pregar o Evangelho, pelo qual as almas são alimentadas e se tornam gordas e frutíferas, e que as ovelhas são nutridas com o Evangelho e a Palavra de Deus. Isso sozinho é o ofício de um bispo”.¹⁷ As Escrituras, portanto, são indispensáveis para a constituição, nutrição e governo da igreja peregrina.

Um segundo tema na teologia de Lutero sobre a palavra que encontra fundamentos exegéticos em 1Pedro é a ordem adequada do ensino bíblico. Para Lutero, inquestionavelmente, a justificação é somente pela fé, mas a verdadeira fé sempre responde com uma obediência fiel. A exortação em 1Pedro 2.2 para “desejar ardentemente o puro leite espiritual” leva Lutero a refletir sobre duas maneiras de apresentar Cristo no evangelho: primeiro como dádiva, depois como exemplo. O Lutero tardio chama de “um remédio forte e vinho forte”, e ele insta os pregadores a primeiro “pregar suavemente para os jovens cristãos. Deixe-os enriquecerem e crescerem na compreensão de Cristo. Não os sobrecarregue com doutrinas fortes, pois ainda são muito jovens. Mas mais tarde, quando se fortalecerem, deixe-os serem massacrados e sacrificados na cruz”.¹⁸

Lutero aconselha os pregadores a serem sensíveis às necessidades de diferentes estágios de experiência ao longo da jornada do peregrino – desde um primeiro contato com a doçura de Cristo como presente puro até a necessidade posterior de experimentar a dor de Cristo como um exemplo para o nosso próprio caminho. Dessa forma, Lutero chega à conclusão de que a mesma Palavra que vivifica e nutre os cristãos, simultaneamente, cria as condições para um sofrimento exclusivamente cristão como filhos de Deus que agora se encontram em desacordo com o mundo, a carne e o diabo.¹⁹ Os sermões de 1Pedro nos ajudam a entender como Lutero pode afirmar em 1530 que os cristãos sofrem precisamente porque “se apegam à Palavra de Deus”.²⁰ Isso não é um sofrimento genérico nem um sofrimento como resultado de más ações, mas aflição recebida “injustamente”, “por fazer o

16 AE 30:43-44, WA 12:298.

17 AE 30:134; WA 12:388.

18 AE 30:49; WA 12:303.

19 AE 30:70-72, 141; WA 12:325-27, 395.

20 AE 51:200; WA 32:31.

que é certo” e “pelo nome de Cristo” (1Pe 2.19, 3.13, 4.14). Peregrinação e Palavra convergem na experiência para tornar o sofrimento inevitável para os crentes. Lutero não deixa a discussão por aí, mas continua a desenvolver como tal sofrimento injusto pode abençoar aqueles a quem aflige.

O sofrimento injusto como meio da graça e sinal da igreja

Existe uma dimensão cristológica adicional ao sofrimento: “Se somos cristãos, devemos dizer: ‘Meu Senhor sofreu por mim e derramou seu sangue. Ele morreu por minha causa. Deveria eu, então, ser tão sem valor a ponto de não estar disposto a sofrer?’”²¹ A peregrinação é um tempo em que a igreja é moldada à imagem de sua cabeça através do sofrimento que reflete o de Cristo. Talvez o aspecto mais notável desse ensinamento seja como Lutero insiste na necessidade de uma dor real para receber uma verdadeira consolação. Lutero argumenta a partir de 1Pedro que Deus pretende que a igreja carregue o sofrimento de Cristo não apenas como um sinal visível de sua união com ele, mas também como um meio de efetuar essa união.

Especificamente, a leitura de Lutero de 1Pedro revela uma compreensão do sofrimento como comunhão e consagração para os crentes, com ambas as categorias sustentando sua visão do sofrimento como um sinal da igreja. Em primeiro lugar, existe um vínculo entre os crentes e Cristo em seu sofrimento que, para Lutero, transcende a reflexão teórica sobre Cristo como o objeto da fé. Tomando como referência o apelo de Pedro para “alegrar-se na medida em que vocês participam dos sofrimentos de Cristo” (4.13), Lutero insiste que os cristãos “têm comunhão com o Senhor” através do sofrimento injusto.²²

Em um sentido, o tipo de comunhão com Cristo que tal sofrimento proporciona é intelectual, para testar “a autenticidade da sua fé” (1.7): “Deus impôs a cruz a todos os cristãos para purificá-los e purgá-los bem, para que a fé permaneça pura, assim como a Palavra é, para que se aceite apenas a Palavra e se confie em mais nada”.²³ Na medida em que o sofrimento faz com que os cristãos confiem na palavra de Deus, que transmite o ensino

21 AE 30:118; W A 12:373.

22 AE 30:127; WA 12:382.

23 AE 30:17; W A 12:272.

sobre Cristo, isso também os aproxima de Cristo. Mas para Lutero, essa comunhão com Cristo no sofrimento vai além do aumento do consentimento à Palavra. Comentando 1Pedro 4.13, Lutero contrasta o sofrimento temporal injusto com o seu significado eterno para os crentes: “Embora isso seja um sofrimento físico, deveria ser uma alegria espiritual, para que você possa se alegrar para sempre. Pois essa alegria *começa* no sofrimento e *dura para sempre*”.²⁴ O sofrimento cristão se torna um meio de trazer realidades eternas para suportar esta vida presente. Mais especificamente, somente o sofrimento é capaz de tornar tangível o poder salvador do evangelho em nossa experiência: “Onde o sofrimento e a cruz são encontrados, ali o Evangelho pode mostrar e exercer seu poder. É uma Palavra de vida. Portanto, deve exercer todo o seu poder na morte. Na ausência do morrer e da morte, ela não pode fazer nada, e ninguém pode perceber que ela tem tal poder e é mais forte do que o pecado e a morte”.²⁵ Apenas a picada da morte pode tornar a promessa de vida tão significativa e o poder de Deus tão evidente – como poder que nos liberta não de uma maldição teórica, mas de uma [maldição] real e sentida.

Essa ideia de que o sofrimento cria comunhão experiencial com Cristo que se aprofunda à medida que a aflição aumenta revela o que talvez seja o aspecto mais marcante das reflexões de Lutero sobre o sofrimento em 1Pedro: a ligação entre o sofrimento e a santificação. Ao exercitar a fé no meio das provações, ocorre uma transformação profunda dentro dos crentes. Certamente, Lutero fala do assentimento mental à palavra de Deus, mas ele também vislumbra a santificação através do sofrimento indo além de apenas pensar como Cristo ou sobre ele – até mesmo além de sentir sua presença – para incorporar o próprio Cristo. É nesse aspecto que o sofrimento surge de forma mais clara como um sinal visível da igreja.

Dois textos-chave em 1Pedro orientam o pensamento de Lutero sobre o sofrimento como consagração. 1Pedro 3.19-22 conecta o batismo cristão e o dilúvio, convidando Lutero a comparar a segurança da arca de Noé com Cristo e a igreja, de modo que “somos salvos, assim como Noé foi salvo na arca. Assim, você vê que a analogia resume o que a fé e a cruz, a vida e a morte, são. *Agora, onde há pessoas que se agarram a Cristo, lá uma*

24 AE 30:127 [ênfase do autor]; WA 12:382.

25 AE 30:126-27; WA 12:381-82.

Igreja Cristã com certeza está presente”.²⁶ Deixando de lado a questão de se Lutero explicou adequadamente este texto notoriamente difícil, ele nos disse onde ele localiza a verdadeira igreja. Ela se manifesta onde “há pessoas que se apegam a Cristo”. Isso é representado sacramentalmente no batismo, que identifica aqueles que escapam do julgamento de Deus e se apegam à segurança de Cristo na igreja.

Como visto anteriormente, Lutero vê o agarrar-se a Cristo – aqui, a característica quintessencial dos batizados – como algo realizado experientialmente através do sofrimento.²⁷ Quando os cristãos se agarram a Cristo em suas provações, eles, na prática, exibem seu batismo, manifestando que Deus os levou para a “arca”, de modo que eles “são salvos, assim como Noé foi salvo”. Se a Palavra é a forma principal como os cristãos chegam a Cristo, o sofrimento se torna o veículo que Deus usa para completar a solidariedade deles com Cristo. A segurança representada no batismo é experimentada não separadamente, mas apenas no meio da aflição. Isso não é apenas uma manobra intelectual. O consolo de Deus para os cristãos que sofrem injustamente é que eles realmente se tornaram a encarnação presente da graça e da vitória final sobre a morte significadas em seu batismo. Ao instigar a fé que une os crentes a Cristo, o sofrimento continua a obra do batismo e, se pudermos permitir-nos falar assim, torna a igreja visível.

A ideia de que o sofrimento torna manifestas as promessas do batismo em um povo que se apega a Cristo é levada adiante quando Lutero utiliza a discussão sobre o sofrimento em 1Pedro 4:15-16 para criticar a veneração contemporânea de relíquias:

São Pedro diz: Quando você sofre dessa maneira [i.e., por Cristo], você não deve se envergonhar... De que adianta colocar a cruz em custódias? *A cruz de Cristo não me salva*. Certamente, devo crer em sua cruz; mas *devo carregar a minha própria cruz*. Devo colocar Seu sofrimento em meu coração. Então tenho o verdadeiro tesouro. Os ossos de São Pedro são sagrados. Mas o que isso ajuda você? *Você e seus próprios ossos devem se tornar sagrados*. Isso acontece quando você sofre por amor a Cristo.²⁸

26 AE 30:115-16 [ênfase do autor]; WA 12:370.

27 AE 30:126; WA 12:381.

28 AE 30:129 [ênfase do autor]; WA 12:385.

Aqui, Lutero faz um movimento crucial para compreender sua subsequente decisão de nomear o sofrimento como uma marca da igreja. O trabalho de Cristo não é eficaz para um indivíduo enquanto o que Cristo fez permanecer externo a essa pessoa – um objeto a ser visto, acreditado e até mesmo venerado à distância. A salvação, para Lutero, exige nada menos do que internalizar a obra redentora de Cristo. Isso acontece quando os cristãos param de simplesmente procurar relíquias de Cristo, mas na verdade *se tornam* essas relíquias: “Você e seus próprios ossos devem se tornar sagrados”.

O sofrimento, tanto como meio quanto como evidência de união com Cristo, consagra a igreja ao torná-la uma relíquia autêntica do Cristo vivo. A verdadeira igreja apontará para sua cruz para provar sua identidade, pois sem tal aflição, qualquer coisa que se denomine “igreja”, na realidade, não possui Cristo. Lutero pode ver o sofrimento cruciforme como uma marca da igreja porque, para ele, esse padrão de vida que define a jornada do peregrino nunca é opcional. É intrínseco à salvação de alguém. Portanto, a verdadeira igreja é sempre também a igreja cruciforme.

Nosso levantamento da exegese de Lutero sobre 1Pedro mostrou como sua leitura cuidadosa desta carta resulta em uma sólida doutrina do sofrimento, que ensina tanto sua inevitabilidade para aqueles que se agarram à palavra de Deus quanto insiste na necessidade de tal aflição para a santificação. O sofrimento não apenas confirma a verdade do evangelho na experiência pessoal do crente, mas nesse processo transforma a igreja em uma encarnação visível de sua mensagem, uma relíquia viva de seu Salvador sofredor.

SITUANDO OS SERMÕES DE 1PEDRO: LUTERO ESTAVA PREGANDO PARA SI MESMO?

Quando Lutero começou a pregar sobre 1Pedro em maio de 1522, ele se dirigia aos cidadãos de uma cidade recém-restaurada à relativa paz após distúrbios causados por aqueles que estavam ávidos para promover reformas litúrgicas e clericais rapidamente e sem compromissos. De fato, a própria pregação de Lutero no início daquele ano, especialmente sua série de oito sermões “Invocavit” proferidos na primeira semana da Quaresma (9 a 16 de março), recebe o crédito de restabelecer a ordem pública ao

persuadir tanto o governo quanto os habitantes de Wittenberg a diminuir o ritmo das mudanças e revogar as inovações litúrgicas mais radicais, introduzidas durante a ausência de Lutero por outros como Karlstadt e Zwilling.²⁹ Considerados em termos de seu objetivo imediato, parece que os sermões de *Invocavit* foram um sucesso completo, restando os distúrbios públicos e marcando o retorno oficial de Lutero à sua posição como líder da Reforma em Wittenberg após quase um ano de exílio incógnito no castelo de Wartburg. No entanto, como observa Brecht, a correspondência de Lutero na época estava repleta da preocupação melancólica de que a agitação social era apenas indicativa da contínua “luta contra Satanás”.

Várias conexões temáticas podem ser estabelecidas entre os sermões de *Invocavit* e as exposições de 1Pedro que os seguiram quase imediatamente. A exortação de Lutero para confiar no poder da Palavra para promover a Reforma sem recorrer muito rapidamente à coerção externa ou pressionar assuntos está inserida no apelo geral para expressar o amor cristão por meio da paciência e humildade.³⁰ Mostramos como tanto a centralidade da Palavra quanto a importância das boas obras como expressão da fé verdadeira são destacadas nos sermões de 1Pedro, embora se possa argumentar que esses temas se repetem ao longo de todo o corpus de Lutero. Ao mesmo tempo, não devemos desconsiderar a possibilidade de que Lutero tenha escolhido abordar 1Pedro logo após os sermões *Invocavit* precisamente para reforçar tais ideias-chave a partir de um livro bíblico especialmente adequado para esse propósito.

É quando chegamos à ênfase comum no sofrimento que a escolha de seguir os sermões *Invocavit* com uma série sobre 1Pedro adquire uma aparência de maior intencionalidade. Lutero inicia seu primeiro dos oito sermões *Invocavit* com o sombrio lembrete de que “cada um deve lutar sua própria batalha com a morte por si mesmo, sozinho”.³¹ Além de mergulhar a pregação da semana seguinte com um senso de urgência – contendo “as coisas principais que dizem respeito a um cristão” em sua preparação para enfrentar a morte – essa referência inicial à morte encontra ressonância em várias reflexões sobre o sofrimento cristão que Lutero passa a oferecer.³²

29 AE 51:69-100; WA 103:1-64.

30 AE 51:70-77; WA 103:1-18.

31 AE 51:70; WA 103:1.

32 AE 51:70; WA 103:1.

Parte integrante da preparação do cristão para a morte é a perseguição diária e a aflição que requer paciência e fortalece a fé.³³ Àqueles que são colocados à prova através de tais testes são lembrados de que “não viajamos em direção ao céu sozinhos, mas trazemos nossos irmãos [...] conosco”.³⁴ Assim, Lutero, de uma maneira que antecipa seus sermões sobre 1Pedro, exorta os crentes a acolher as dificuldades dos colegas peregrinos que porventura necessitem de um carinho especial no aprendizado da doutrina no estágio atual e particular da sua jornada rumo ao lar, própria de todos os cristãos.

Também, encontrar paralelos no material de 1Pedro é a insistência de Lutero de que o sofrimento é necessário à recepção adequada do sacramento, na medida em que apenas “aqueles que sofrem tribulação, física ou espiritualmente [...] externa ou internamente [...] de modo que você não saiba como está diante de Deus [...] quando ele atira seus pecados em seu rosto” podem receber a graça que Deus pretende selar no sacramento do corpo e sangue de Cristo.³⁵ Somente aqueles que experimentam tal aflição ao ponto de desespero são “dignos de receber” o sacramento, porque é “apenas em corações tão aterrorizados e trêmulos que Deus deseja habitar” como aquele que consola e conforta através do sacramento que confirma as promessas de Deus como “alimento” para “uma alma faminta”.³⁶

Lutero usa essa imagética impressionante de fraqueza e fome como o lugar da morada de Deus para castigar os orgulhosos wittenbergueses que, em seu zelo pela Reforma, carecem de amor. A solidariedade com Cristo através do sofrimento, e como isso é refletido de forma única à medida que o povo de Deus participa dos sacramentos, é um tema que Lutero retomará ao expor 1Pedro para a mesma audiência.

Por um lado, o robusto argumento de Lutero nos sermões *Invocavit*, de que o sofrimento é a característica dos cristãos genuínos, dá suporte à possibilidade de ele ter escolhido 1Pedro como seu próximo texto para exposições nos dias de semana, a fim de reforçar essa ideia e, assim, manter a paz na cidade. Visto dessa perspectiva, pregar a partir de 1Pedro se torna uma decisão pastoral a fim de abordar a própria congregação

33 AE 51:71-72; 103:1-9.

34 AE 51:72; WA 103:6-7.

35 AE 51:93-94; W A 103:51-52.

36 AE 51:94-95; WA 103:52-55.

do reformador nas necessidades particulares da sua peregrinação. Eles necessitavam do “vinho forte” do ensino sobre a cruz para aprender com o exemplo de Cristo, de modo que, por sua vez, pudessem reconhecer seu próprio dever de refletir a humildade de Cristo em seus tratos uns com os outros. Talvez também houvesse o reconhecimento, na opinião de Lutero, de que uma compreensão defeituosa do sofrimento poderia ter deixado alguns desesperados pelo conforto de saber que Deus habita com “corações trêmulos”. Não é um exagero imaginar tais motivos pastorais por trás da escolha de Lutero de 1Pedro, entre todas as opções, como o ponto a partir do qual é possível compreender o seu ministério da pregação regular. O que resta a ser perguntado, no entanto, é se essa escolha teve uma relevância particular para o próprio Lutero.

Embora a tentativa de se ler mentes resulte em uma historiografia arriscada, a questão da própria familiaridade de Lutero com o sofrimento, em 1522, deve ser pelo menos considerada em qualquer tentativa de se contextualizar mais amplamente sua pregação naquele momento. Já observamos que o retorno de Lutero a Wittenberg coincidiu com o declínio de sua amizade com Karlstadt, que estava entre os líderes das reformas que Lutero tentou conter. Brecht observa que Lutero não considerou o assunto resolvido, mesmo após o retorno da paz e estabilidade a Wittenberg após os sermões *Invocavit*. De fato, um olhar para as cartas de Lutero imediatamente antes e após seu retorno do Wartburg revela a avaliação séria, do reformador, sobre os distúrbios em Wittenberg como reações ao seu próprio ensinamento, que, se não corrigido, poderiam provocar a ira de Deus e ter repercussões na forma de rebelião política e agitação nos territórios germânicos.³⁷ Essas mesmas cartas também indicam a disposição de Lutero – até mesmo sua expectativa – de sofrer como resultado de seu retorno a Wittenberg contra a vontade de seu Eleitor, como alguém que já foi proclamado herege pela igreja e proscrito pelo império.³⁸

Lutero enxerga seu retorno da segurança do exílio como a próxima rodada em uma batalha com Satanás, “que se intrometeu em meu rebanho na minha ausência”. Lutero deve cumprir seu dever cristão de seguir o exemplo de Cristo e “entregar minha vida” por seu rebanho pastoral, “morrer pela

37 AE 48:390, 396-97, 399; WA, Briefwechsel 2: 455, 461-62 (hereafter WA, Br).

38 AE 48:392-94, 49:4; WA, Br 2:456-57,459; WA, Br 2:490.

causa do meu próximo”.³⁹ Assim, o reformador molda seu próprio retorno do exílio em termos da consideração pessoal do cristão com a morte – o tema com o qual ele inicia os sermões *Invocavit* – bem como a necessidade de sofrer após o exemplo de Cristo como intrínseca à identidade como filho de Deus, o que é uma preocupação difusa nos sermões de 1Pedro. Sem qualquer evidência textual explícita de que Lutero escolheu pregar a partir de 1Pedro em 1522 como um meio de validar seu próprio sentido de chamado para sofrer quaisquer consequências que pudessem advir de seu retorno à vida pública, nossa capacidade de avaliar seus motivos é limitada. No entanto, o que lemos do entendimento próprio de Lutero na época de seus sermões de 1Pedro claramente sugere razões pelas quais esse texto poderia ter sido uma bênção para ele.

Levantar a questão de se Lutero pode ter necessitado de encorajamento pessoal quando se voltou para 1Pedro, ensinando que a aflição é intrínseca à vida cristã, não tem, de modo algum, o intuito de se relativizar a doutrina de Lutero, como se estabelecer tais conexões com sua situação pessoal limitasse sua relevância apenas a essas circunstâncias. A ideia de que o autêntico cristianismo envolve um conhecimento pessoal do sofrimento após o exemplo de Cristo é recorrente ao longo dos escritos de Lutero.

“ECLESIOLOGIA CRUCIFORME” COMO TEMA RECORRENTE NOS ESCRITOS DE LUTERO

O que resta agora é demonstrar brevemente como a “eclesiologia cruciforme” de Lutero – conforme é desenvolvida nos sermões de 1Pedro como a convergência da peregrinação, Palavra e cruz, para identificar e santificar a igreja – não é exclusiva nessas exposições de 1522. Já notamos a integração madura desses temas quando ele explicitamente menciona o sofrimento como um sinal da igreja em 1539. Embora mais possa ser dito sobre como Lutero justificou a existência da igreja separada de Roma, sua escolha desses sinais particulares em 1539 não pode ser descartada como casual ou não relacionada à sua teologia mais ampla. No mesmo ano, Lutero enfatizou a necessidade de aflição (*tentatio*, *Anfechtung*, em alemão) para a exegese bíblica: “Esta é a pedra de toque que não apenas

39 AE 48:395-96; WA, Br 2:460-61.

ensina você a conhecer e entender, mas também a experienciar o quão correta, quão verdadeira, quão doce, quão adorável, quão poderosa, quão confortadora é a Palavra de Deus, sabedoria além de toda sabedoria”. A Palavra precede o sofrimento, mas não por muito. Somente este último torna o ensino bíblico verdadeiro. Concluimos com outros três exemplos da “eclesiologia cruciforme” de Lutero. Esses exemplos afirmam a lógica do sofrimento como santificação exibida no material de 1Pedro; também se beneficiam do suporte exegetico que essa característica do pensamento de Lutero deriva daqueles sermões de 1522.

Em um sermão de 1530 sobre o tema do sofrimento cristão, Lutero caracteriza a palavra de Deus como sendo tanto a fonte de “consolação cristã, mesmo no pior sofrimento e infortúnio” quanto a principal causa desse mesmo infortúnio. Os sermões de 1Pedro nos ajudam a entender como Lutero pôde afirmar, em 1530, que os cristãos sofrem precisamente porque “nos agarramos à Palavra de Deus, a pregamos, ouvimos, aprendemos e a praticamos”. O mesmo sermão também repete a ênfase de 1Pedro na ordenação adequada do ensino do evangelho, a saber, que Cristo é apresentado tanto como promessa quanto responsabilidade. Outros têm examinado como essa conexão inseparável entre o sofrimento e a Palavra aparece na exegese de Lutero dos salmos, no Sermão da Montanha e na carta de Paulo aos Gálatas.

Nas *Explicações das Noventa e Cinco Teses* de Lutero, em 1518, sua discussão das Teses 15 e 58 fundamentam sua teologia da cruz na experiência pessoal e confirmam o papel real, mas penúltimo, do sofrimento na promessa salvífica de Deus. O teólogo da cruz pode dizer a verdade simples sobre o sofrimento – que é uma maldição – e, ainda assim, ver nas boas novas do sofrimento e ressurreição de Cristo o poder de Deus em sua Palavra para transformar a morte em vida, tanto para Cristo quanto para os crentes. Para Lutero, o evangelho revela o poder de Deus “para declarar o sofrimento como algo que nunca pode ser por si só”. Contra aqueles que buscam Cristo em relíquias de madeira, osso e tecido, Lutero exorta os crentes a encontrar Cristo em suas aflições, que são um presente reservado para “os corações dos fiéis, incomparavelmente mais preciosos do que todo pedaço de ouro e toda pedra preciosa”. O sofrimento como comunhão com Cristo e recordação do poder salvador de Deus reaparecem como temas quatro anos depois nos sermões de 1Pedro.

E, por fim, a teologia do sofrimento desenvolvida exegeticamente nas exposições de 1Pedro é imediatamente aplicada às insurreições dos camponeses na década de 1520. Embora alguns tenham criticado isso como oportunismo político ou indiferença elitista ao sofrimento dos inferiores sociais, a repreensão severa de Lutero à violência camponesa reflete, no entanto, uma síntese teológica consistente entre o sofrimento cristão e a eclesiologia que vinha amadurecendo ao longo dos anos. Citando 1Pedro 2.23, em 1525 Lutero adverte os camponeses que suas ações colocaram em dúvida sua salvação. Rejeitar sofrimentos injustos pelas mãos de superiores políticos é incompatível com o nome “cristão” e, essencialmente, alinha-se com uma igreja falsa:

[Cristo] fez exatamente o que São Pedro diz. Ele entregou todo o assunto àquele que julga com justiça e suportou esse erro intolerável... Agora, se vocês são cristãos genuínos, certamente devem agir da mesma forma e seguir o exemplo dele. Se vocês não fizerem isso, então abandonem o nome de cristãos e a alegação de que a lei cristã está do seu lado, pois então vocês certamente não são cristãos, mas estão se opondo a Cristo e à sua lei, à sua doutrina e ao seu exemplo... Cristãos não lutam por si mesmos com espada e mosquete, mas com a cruz e o sofrimento... [Se vocês rejeitarem isso], então deveriam deixar o nome de Cristo em paz.⁴⁰

Para não excluir os mais poderosos, o tratado de Lutero de 1523 sobre *A Autoridade Secular* afirma que todo governante cristão que governa de acordo com a palavra de Deus deve esperar sofrimento. Quando um príncipe governa assim, “então seu estado está correto, externa e internamente, agradando a Deus e ao seu povo. Mas ele deve esperar muita inveja e tristeza – a cruz logo repousará sobre os ombros de tal governante”. Admitidamente, Lutero é mais duro com os camponeses. Ele os acusa de rejeitar Cristo – essencialmente renunciando ao seu batismo. Vemos o quanto o sofrimento se incorporou profundamente na visão de Lutero sobre o que significa ser um cristão em peregrinação na presente existência. Tanto príncipes quanto camponeses devem esperá-lo. No entanto, os camponeses estão mais errados por tentar evitá-lo. Visto deste ponto de vista, a crítica

40 AE 46:30, 32; WA 18:312, 315-16.

incansável de Lutero aos camponeses é tão contundente não porque ele os odeia, mas porque se preocupa profundamente com suas almas. Rejeitar seu ensino sobre a necessidade do sofrimento é, de acordo com a eclesiologia cruciforme de Lutero, rejeitar o próprio selo de Cristo em sua igreja.⁴¹

CONCLUSÃO

A posição de Lutero em 1539, de que o sofrimento marca a verdadeira igreja, reflete uma trajetória teológica que começou, pelo menos, vinte anos antes e era um aspecto consistente de seu pensamento muito antes de ser identificado tão claramente como tal. Talvez o melhor exemplo de um embasamento exegético abrangente dessa doutrina seja encontrado nos sermões de 1Pedro de 1522/23. Minha análise deste material mostrou como Lutero derivou, a partir de pelo menos essa importante fonte bíblica, elos-chave entre o sofrimento e a santificação que apoiam a posição, expressa em vários lugares, de que onde não há sofrimento por Cristo, não há verdadeiros cristãos e, portanto, não há verdadeira igreja.

Também procurei mostrar como esses discernimentos exegéticos se repetem nos outros escritos de Lutero na forma de aplicação consciente a vários contextos situacionais. Desenvolvendo temas bíblicos que moldariam a teologia de Lutero por anos a fio, os sermões de 1Pedro tratam da natureza e necessidade do sofrimento cristão, dando atenção especial à sua importância para a santificação da igreja. Isso proporciona a base para uma “eclesiologia cruciforme”. Nosso sofrimento espelha o exemplo de Cristo e incorpora a graça do batismo. Em última análise, é também a maneira de Deus promover a união pessoal do crente com Cristo, indo além de simplesmente nos fazer conscientes de nossa necessidade de Cristo para, na verdade, nos tornarmos um vestígio de Cristo. Essa visão elevada dos bons propósitos de Deus para o sofrimento cristão está por trás da afirmação, de outra forma chocante, em 1539, de que “aqueles que enforcam, afogam, assassinam, torturam, banem e afligem [cristãos] até a morte estão prestando um serviço a Deus”.⁴²

41 AE 46:30; WA 18:312.

42 AE 41:165; 50:642.

Finalmente, 1Pedro permite a Lutero vincular a *theologia crucis* à experiência cristã dentro de um esquema temporal abrangente que engloba toda a vida na era presente. Esta carta é, para Lutero, um manifesto da vocação cristã, ensinando aos crentes que a santa cruz é tanto consolo quanto um chamado para sua peregrinação. A verdadeira igreja é encontrada onde os crentes se apegam a Cristo, que está presente de maneira mais íntima com seu povo em sua dor. Para Lutero, esta igreja – uma relíquia genuína de Cristo e encarnação da “esperança viva” de Pedro em um mundo caído – sofrerá em sua peregrinação “porque desejam ter somente a Cristo, e nenhum outro Deus. Onde quer que se veja ou ouça isso, pode-se saber que a santa igreja cristã está lá... [O sofrimento] é uma posse sagrada pela qual o Espírito Santo não apenas santifica o seu povo, mas também os abençoa”.⁴³

Para aqueles que sofrem como Cristo sofreu em obediência à palavra de Deus, a salvação se torna uma posse presente com consequências eternas. Seus “ossos... tornam-se sagrados”. O sofrimento é ao mesmo tempo o mais severo lembrete do peregrino cristão de que as bênçãos e a paz do lar permanecem uma realidade futura, e a mais profunda garantia de que a promessa de Deus está, no entanto, poderosamente em vigor, agora mesmo – tão certamente como ele carrega em seu próprio corpo a marca indelével do tesouro mais precioso de todos: o sofrimento de Cristo para derrotar o pecado e a morte para sempre.

43 AE 41:165; 50:642.